

In memoriam.

VILÉM FLUSSER

Tenho, na minha biblioteca imaginária, toda uma série de livros de diversos tamanhos e diversas cores, uma fileira infinita. A fileira se chama "livros a serem escritos", e representa para mim, não desafio, mas lembrete da impotência e provisoriedade humana. Entre estes livros há um cujo título é "História dos conceitos". Trata-se de uma espécie de enciclopédia diacrônica, e compõe-se de milhares de volumes. O verbete "memória" ocupa pelo menos um volume inteiro. Há nele uma longa dissertação sobre o hebraico "zekher", essa memória que é benção e na qual guardamos os mortos. O conceito da "mnemose" grega é longamente discutido, o rio do esquecimento, Lethe, é analisado, e há referência cruzada para o verbete "verdade", (em grego "a-letheia") é mencionado e considerado o conceito do "monumento" na concepção clássica, ("regi monumentum aere perennius"), e na concepção renascentista, (a época dos museus). A parte final é ocupada pela discussão da memória dos computadores, com referência cruzada para a memória genética, para a teoria da informação, e para a análise formal da língua. O propósito do presente artigo é contar alguns aspectos desse volume.

Consideram três pontos de vista sobre a memória entre os muitos possíveis. Chamarei o primeiro: "platônico", o segundo: "psicanalítico", o terceiro: "comunicativo". No volume imaginário o primeiro é discutido sob século 4 a.C., o segundo sob século 19, o terceiro sob século 20. Mas há interpenetração na sequência histórica que torna problemática toda esquematização historizante. Por exemplo: não é exata a afirmação que o ponto de vista platônico foi superado dialecticamente, no sentido de estar agora guardado na memória coletiva em novo nível de significado que cancela o nível primitivo. Não é exata porque o nível primitivo continua significativo, embora exista o novo. Tentarei prová-lo por ligeira discussão desse ponto de vista.

Para Platão existem dois reinos: o das ideias imutáveis e o das aparências móveis. Chamarei o primeiro reino "topos uranicos", e o segundo "physis". O homem é um canal comunicante entre os dois reinos, e isto me parece ser a antropologia implícita no platonismo. O canal que é o homem transmite informação apenas em uma única direção: das ideias para as aparências, do céu para a natureza. Não há "feed-back" entre os dois reinos. Daí poder encontrar-se o canal humano em uma das seguintes três situações: pode funcionar, pode fechar-se contra o céu, e pode fechar-se contra a natureza. Esta me parece ser a ética implícita no platonismo. Se o homem se fechar contra o céu, esquecerá as ideias e viverá naturalmente. Se o homem funcionar, aplicará ideias na natureza e viverá politicamente. Se o homem se fechar contra a natureza, contemplará ideias e viverá teóricamente. Platão constroi uma hierarquia das três alternativas, na qual a vida natural, a "economia", ocupa o lugar inferior, a vida política, a "arte", o lugar intermediário, e a vida teórica, a "filosofia", é suprema. A explicação dessa hierarquia é a seguinte: O homem passa do natural ao político ao lembrar-se da sua origem celeste, das ideias que nele dormem, pelo método meitótico, isto é: dando luz a essas

VILÉM FLUSSER

ideias. É o homem passa do político para o teórico ao compreender que ideias aplicadas são ideias deformadas, já que se modificam ao modificar a natureza. E ideias modificadas deixam de sê-lo, dada a sua imutabilidade. São "opiniões", deixaram de ser "sabedoria".

Darei um exemplo. O triângulo é uma ideia. O homem natural dela se esqueceu, mas poderá lembrá-la, quando verificará que o teorema de Pitágoras estava nele adormecido. Doravante poderá desenhar triângulos na areia e construir edifícios triangulares: poderá ser artista. Mas verificará que nestes triângulos aplicados o teorema de Pitágoras não funciona com rigor, e que, "sensu stricto", deixaram os triângulos a sê-lo, ao serem aplicados. Doravante passará a dedicar-se à geometria, isto é: à teoria.

Em suma: para Platão o reino das ideias é uma memória imutável, a dignidade humana está na volta para essa memória, e o método da volta é a lembrança. E isto é o primeiro ponto de vista considerado neste artigo. Não creio que ele esteja superado, já que por exemplo informa todo cristianismo, para não falar da dialética que paradoxalmente procura superá-lo, mas participa estruturalmente dele. O platonismo latente e insuperado em Hegel e Marx seria, no entanto, tema para outro artigo.

A psicanálise, (que coloquei no livro imaginário sob século 19, devido a Schopenhauer, Dostoiévski e Nietzsche), poderá ser definida como perfuração da memória em busca do tempo perdido. É pois uma teoria do esquecimento. A teoria diz aproximadamente o seguinte: O homem pode ser considerado receptor de informações que sobre ele incidem. As informações podem proceder da sua circunstância, (enfoque freudiano), ou também do seu passado, (enfoque Jungiano). Essas informações são armazenadas pelo homem em vários compartimentos de uma estrutura dinâmica chamada "psique". Em alguns dos compartimentos, (nos "concientes") as informações são disponíveis para manipulação deliberada. Em outros, (nos "inconcientes"), as informações não são manipuláveis, mas manipulam. São "esquecidas". Há um mecanismo complexo, (e verificável segundo as várias teorias), que regula o trânsito das informações entre compartimentos. Existe um "feedback" entre os compartimentos, e embora a influência do inconciente sobre o consciente seja maior que a oposta, ela é reversível. O programa da psicanálise é essa reversão, o que prova haver nela uma ética latente. Também ela, como o faz o platonismo, propaga o desesquecimento. E também para ela, como para o platonismo, o desesquecimento é conhecimento de si mesmo.

Mas há grandes diferenças entre platonismo e psicanálise, algumas das quais mencionarei em seguida. O homem é concebido, não como canal, mas como receptor de informações, de forma que a memória não está fora, mas dentro do homem. Com efeito, deve se dizer que o homem tem memórias, ou é memórias, e não que o homem provém da memória e nela se salva. Mesmo quando a memória é concebida como coletiva, (por exemplo em Jung), não o é no sentido platônico de impessoal e absoluto. A memória não é concebida como composta de ideias imutáveis, mas de informações sucessivas e maleáveis. O problema da comunicação não é visto

VILÉM FLUSSER

como problema da relação entre memória e natureza, mas como problema da relação entre memória e memória, (isto é: entre o homem e os outros homens), e como problema da relação entre os vários compartimentos da memória mesma. A estrutura da memória não é concebida estáticamente, (sincrónicamente), mas dinamicamente, (diacrónicamente), e a pesquisa da memória não traz sabedoria, mas arqueologia. Em suma: para a psicanálise a memória é histórica, e sua pesquisa permite reconstruir a história, e isto é o segundo ponto de vista considerado neste artigo.

A teoria da comunicação, (para a qual já recorri no curso deste argumento), procura construir um metamodelo da memória, a abranger tanto o modelo platónico, quanto o psicanalítico, quanto outros, sem no entanto nutrir a esperança de superá-los dialecticamente. Distingue entre dois tipos de informação, um transmitido por sinal, o outro por símbolo, e cujo carácter é inteiramente diferente. O sinal é a consequência imediata ou mediata daquilo que o provocou, como por exemplo os burracos na areia são sinais de chuva. A areia foi informada pela chuva na forma de sinais, e é assim que a chuva entrou na memória da areia. O símbolo representa o seu significado mesmo se este estiver ausente, (por exemplo no futuro), e se digo "o homem chegará à Lua em 1970" esta informação penetrará uma memória, (por exemplo a do leitor), na ausência do seu significado. A memória da areia e a do leitor são pois dois tipos de memória diferentes. Um é histórico e diacrónico, e sugere a psicanálise, (por exemplo da areia), o outro é suprahistórico e sincrónico e sugere o platonismo, (por exemplo a salvação dos leitores).

Mas a relação entre sinal e símbolo é muito complexa. Os símbolos são sinais convencionados como símbolos, como por exemplo o símbolo "A" que significa convencionalmente um determinado som, mas que originalmente foi um sinal deixado pelos chifres de um touro na areia. É a convenção que transformou o sinal "A" em símbolo exigiu que os convencionadores, (por exemplo os fenícios), tivessem recurso a outros símbolos, (por exemplo palavras). Historicamente um símbolo pressupõe um sinal, (que possa ser convencionado), e símbolos, (que possam convencioná-lo). Estamos, como se vê, no caso do ovo e da galinha.

Ainda: embora suprahistóricos, são os símbolos modificáveis e tem sentido falar-se em história dos símbolos, como mostra o exemplo. O símbolo "A" significa algo no alfabeto fenício, algo outro no alfabeto grego, e algo outro na lógica simbólica, (por exemplo em Frege). O símbolo "A" tem história, embora não tenha sentido dizer-se que o "A" significa um determinado som às 4 horas da tarde. Se o símbolo supera o tempo, não o faz platonicamente, e se o símbolo, (a "ideia"), informa a natureza, também por ela é informado.

Não há, no entanto, nenhuma tensão dialéctica nesse "feed-back". A prova disto é simples. Embora o símbolo "A" tenha sido modificado historicamente, por exemplo por Frege, ao ter ele reconconvencionado o símbolo do alfabeto latino para significar "para todos", o alfabeto latino não ficou superado dialecticamente. Ambos significados de "A", tanto o alfabético quanto o fregiano,

VILÉM FLUSSER

coexistem pacificamente na memória por eles informada. De forma que o platonismo não está superado, a final das contas. Talvez não são as ideias que mudam, mas apenas as convenções que as estabelecem? E essas convenções pressupõem ideias para poderem dar-se?

E há o seguinte: As ideias têm origem convencional, (histórica), mas uma vez originadas, adquirem autonomia. A série dos números naturais, por exemplo, tem origem histórica, (suponho), no sentido de ser invenção de alguns homens em determinado momento. Mas o problema da distribuição dos números primos nessa série é um problema autônomo, no sentido de insuspeito pelos convencioneiros e até agora não resolvido. Será isto platonismo? E não será Wittgenstein platônico, ao dizer a sua famosa sentença que não tem sentido dizer-se que um e um são dois às quatro horas da tarde? E será o triângulo no espaço não euclidiano uma modificação do triângulo pitagórico, ou uma modificação do convênio, ou uma nova ideia? A teoria da comunicação apenas começa a pisar num terreno perigoso demais para anjos.

A situação é pois a seguinte: O homem pode ser concebido como uma série de memórias, algumas das quais diacrônicas, como por exemplo a sua memória física, (a do seu corpo semelhante à da arca), e sua memória biológica, (exemplificada na embriologia), e sua memória psicológica, (da qual a psicanálise trata). Outras são sincrônicas, como o intelecto e a razão, e talvez a "alma". E a relação entre todas essas memórias é extremamente complexa, e explicada parcialmente pela psicanálise, e parcialmente pelo platonismo. Assim, a teoria da comunicação pode contribuir para uma nova antropologia, e pode perfeitamente recorrer, neste esforço, ao exemplo dos computadores. E este é o terceiro ponto de vista considerado neste artigo.

Há numerosos outros desconsiderados. Haverá alguém disposto a colaborar na minha biblioteca imaginária dos livros a serem escritos, e preparar o verbete "memória" da obra "História dos conceitos"?

In Memoriam

Hebr.
griech.

Monumentum (classica)

Memoria de computadores

Memoria platonicas - psicoanalitica - comunicativa

Ética - Arte - Filosofia (Platão)

Ética do psychoanal, se propaga desesquecimento
como para Platão. Esta volta para o esquecimento

Teoria de comunicação

Schlegel